



Educação Infantil e Ensino Fundamental: Práticas Inclusivas

Janaina Fernanda Gasparoto Fusco

Orientação:
Eliana Marques Zanata

Fusco, Janaina Fernanda Gasparoto
Aprendizagem cooperativa: práticas inclusivas da Educação
infantil ao Ensino Fundamental / Janaina Fernanda Gasparoto
Fusco, 2017

128 f.

Orientador: Eliana Marques Zanata

Produto educacional elaborado como parte das exigências do
Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica da
Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru

Disponível em: E-book- Educação Infantil e Ensino
Fundamental: Práticas Inclusivas

1. Educação infantil. 2. Ensino fundamental. 3.
Aprendizagem cooperativa. 4 Práticas inclusivas. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

FICHA TÉCNICA

APRENDIZAGEM COOPERATIVA: PRÁTICAS INCLUSIVAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL

Janaina Fernanda Gasparoto Fusco

**Idealização, Projeto,
Pesquisa e Fotografia**

Janaina Fernanda Gasparoto Fusco

**Orientação de
Projeto e Pesquisa**

Eliana Marques Zanata

Redação

Janaina Fernanda Gasparoto Fusco

Design

Daniel Galhardi

Revisão Técnica

Angela Moraes

© Copyright Janaina Fernanda Gasparoto Fusco

Bauru / 2017



Aprendizagem cooperativa:

Práticas Inclusivas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental

Práticas inclusivas e articuladoras na transição entre a Educação Infantil e Ensino Fundamental na perspectiva da aprendizagem cooperativa

Apresentação

Este *e-book* é o resultado de uma pesquisa intitulada:

“Aprendizagem Cooperativa: Práticas Inclusivas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica – UNESP / Bauru, o qual aborda práticas de ensino que viabilizam a transição entre os níveis de escolaridade, possibilitando a educação inclusiva utilizadas durante as atividades em sala de aula, de modo a atender a heterogeneidade, respeitando os níveis de desenvolvimento da faixa-etária.

As atividades foram selecionadas tendo como pressupostos os documentos oficiais, as propostas de educação infantil e currículo do ensino fundamental, em busca do desenvolvimento de competências e habilidades para a efetiva aprendizagem na heterogeneidade. Como suporte utilizou-se o guia **“A Construção do Sentido Numérico no 1º Ano do Ensino Fundamental”** (OLIVEIRA,

2012), com as adaptações pertinentes ao público em estudo. Foram aplicadas em uma turma do Jardim II e outra do primeiro ano do ensino fundamental, com faixa etária média de 5 anos e 6 anos, havendo na turma de educação infantil uma criança com deficiência auditiva e no primeiro ano, outra criança com paralisia cerebral.

Os objetivos são descritos em cada atividade; com ênfase na perspectiva da aprendizagem cooperativa e possuem fins pedagógicos, porém para as crianças, nesse nível de escolaridade, as atividades precisam ser prazerosas e significativas, com caráter lúdico.

Apresentamos neste *e-book*, uma breve introdução sobre o conceito de educação inclusiva e as possibilidades na ação docente em planejar práticas pedagógicas inclusivas que favoreçam uma transição mais significativa e menos abrupta entre a Educação Infantil e o ensino Fundamental, com práticas lúdicas da aprendizagem cooperativa. A apresentação ocorrerá em duas modalidades: Atividades desenvolvidas na educação infantil e no ensino fundamental.

As atividades aqui descritas são utilizadas na Educação infantil e Ensino Fundamental, conforme pesquisa realizada, embasadas nos Documentos Curriculares Nacionais, propostos para o nível de escolaridade, contendo sugestões de recursos e estratégias utilizadas pelas professoras pesquisadas.

Ao serem desenvolvidas com outras crianças, o professor precisará considerar o potencial e as diferenças individuais do seu grupo, bem como a realidade da unidade escolar em contexto.

Em cada proposta de atividade, há especificações quanto aos objetivos, as regras e os materiais utilizados, considerando que diante de cada realidade, se faz importante a estimulação do professor quanto a motivação das crianças, respeitando as características individuais e promovendo ajustes, adequações e adaptações para a participação de todos.

O material apresentado reforça a importância da prática pedagógi-

ca, com atividades que favorecem o enriquecimento e ajustes em sala de aula, para o contemplar das diferenças peculiares existentes em cada nível de desenvolvimento das crianças.

Contudo requer o olhar específico de cada educador para a realidade encontrada em seu grupo, com ajustes e flexibilizações pertinentes, capazes de enriquecer e possibilitar a aplicabilidade de novas ações.

A busca pelo contínuo aperfeiçoamento do fazer pedagógico é árduo, requer tempo e empenho, porém possível quando é inerente ao desejo de transformar mazelas e indiferenças implícitas no campo educacional.

Sumário

Educação Infantil	17
“Afunda e não afunda”	18
Experiência	18
Regras	19
Desenvolvimento	20
Questionamentos Possíveis	23
Orientações	24
“Misturas e Descobertas”	25
Experiências	25
Descrição	25
Regras	26
Desenvolvimento	26
Questionamentos Possíveis	31
Orientações	32
Ensino Fundamental	34
Material Dourado	35
“Contos de Transformação”	35
Curiosidades	35
Objetivo	36
Material	36
Descrição	37
Regras	37
Desenvolvimento	37
Orientações	42
“Dominó de Material Dourado”	43
Objetivo	43
Material	43
Descrição	44
Regras	45

Desenvolvimento	46
Orientações	51
“Cubra e Descubra”	52
Objetivos	52
Material	52
Descrição	53
Regras	53
Desenvolvimento	54
Orientações	55
Reflexões aos Educadores	57
Como praticar a Inclusão?	58
Sugestões de Leitura	60
Referências	63

Ao deparar-se com estudos voltados às práticas inclusivas, diversos autores como Custódio (2002), Bassols e Jiménez (2009), Capellini (2010), Mendes (2010), Chiote (2011), Correia (2012), Cunha (2012), Messias, Muñoz e Luca-Torres (2012), Anjos (2013) e Sant'Anna (2015) analisam o processo de inclusão e afirmam que não há garantia de excelência na inclusão escolar se não houver adequações em sala de aula e políticas públicas que viabilizem este processo.

O fato de que as crianças ocupem-se de uma atividade comum, extraordinariamente importante- o estudo- conduz ao surgimento de determinadas relações: nas crianças origina-se o desejo de estarem juntas, de brincar juntas, de trabalhar, de cumprir as tarefas sociais encomendadas; nelas surge o interesse pela opinião dos colegas, querem gozar de sua simpatia e que reconheçam seus méritos. [...] Assim, a valorização dos companheiros, a opinião do coletivo infantil, converte-se paulatinamente em motivos fundamentais da conduta do escolar. (BOZHOVICH, 1985, p.211).

Para Santos (2007) é necessário uma articulação de conhecimentos, práticas, ações e movimentos que juntos podem favorecer a constituição de uma sociedade melhor e mais justa, e, principalmente, de uma escola na qual caiba a diferença humana, pois considera que:

[...] o simples acesso à escola é condição necessária, mas não suficiente para tirar das sombras do esquecimento social milhões de pessoas cuja existência só é reconhecida nos quadros estatísticos e que o processo de exclusão educacional não se dá mais principalmente na questão do acesso à escola, mas sim dentro dela (SADER, 2005, p. 16).

Nos dias de hoje, a diferenciação na prática pedagógica é por excelência a grande meta a atingir na escola. Neste propósito Sanches (2001) refere os diferentes estilos de aprendizagem, especificando que alguns alunos aprendem melhor se ouvirem, outros se visualizarem, outros se experimentarem, mas todos aprendem melhor se for usada uma estimulação multissensorial. Se o professor usar a diversidade, todos os alunos terão a oportunidade de usar as vias que lhe são mais sensíveis. A mesma autora desenvolve que:

“A diferenciação que inclui será a que parte da diversidade, programando e atuando em função de um grupo heterogêneo com ritmos e estilos de aprendizagem diferente. É aprender no grupo e com o grupo, em situações de verdadeira aprendizagem cooperativa, responsável e responsabilizante. É organizar o espaço e o tempo em função das atividades para as aprendizagens a realizar. É implicar os alunos na construção dos saberes a realizar. É abrir a escola a uma socialização do saber entre professores e alunos.” (Sanches, 2005, p 133)

Perrenoud (1997, citado por Santana) refere que diferenciar é:

“... romper com a pedagogia magistral, a mesma lição e os mesmos exercícios para todos ao mesmo tempo, mas é sobretudo uma maneira de pôr em funcionamento uma organização de trabalho que integre dispositivos didáticos de forma a colocar cada aluno perante a situação mais favorável no seu processo de aprendizagem.” (Santana, 2000, p 30)

A Aprendizagem Cooperativa (AC), segundo Freitas & Freitas (2002), é um modelo de aprendizagem que surge para dar respostas às exigências da globalização e da constante transformação social, na qual o conhecimento evolui rapidamente. É pois funda-

mental, sair de um modelo educacional baseado na transmissão de conteúdo para um outro paradigma centrado na estimulação de capacidades, tais como: a criatividade, o dinamismo, a consciência crítica, a expressão pessoal, que dão capacidade a cada um de nós, não só de acompanhar a evolução do conhecimento científico, mas também de influenciar na construção do próprio conhecimento.

Para os autores acima citados, a educação deve salientar a aprendizagem feita na e pela ação, com o objetivo de se tornar útil ao ser humano, uma aprendizagem que não seja desprovida de sentido, para os alunos. Só a colaboração abre caminho às exigências da globalização, da constante alteração de saberes que se assiste nesta sociedade em constante mutação.

A Aprendizagem cooperativa é centrada na ideia de desenvolver relações de solidariedade, colaboração e partilha entre os alunos, reconhecendo que os mesmos têm o poder e a capacidade de se apoiarem mutuamente nas aprendizagens. Leitão diz que:

“A aprendizagem cooperativa é uma estratégia centrada no aluno, e no trabalho colaborativo” entre grupos, tendo a capacidade de se organizarem com base na diferença “a diferença como um valor” - recorrendo a uma diversidade de atividades, formas e contextos em que aprendem, de uma forma ativa, solidária, crítica e reflexiva, a construirão a sua compreensão do mundo que os rodeia (Leitão, 2006; p 8).

Bessa & Fontaine (2002) menciona que a aprendizagem cooperativa é uma estratégia que visa promover as aprendizagens e as realizações escolares, melhorando os resultados independentemente das características individuais dos alunos, dos fatores ambientais, da localização das escolas ou do nível de ensino.

Leitão afirma:

“...na aprendizagem cooperativa os alunos aprendem em conjunto, influenciam-se mútua e reciprocamente, partilham experiências e pontos de vista, são incentivados pelas ideias dos outros, o que faz com que a diversidade de perspectivas com que os alunos se confrontam os leve a organizar as suas reflexões e pensamentos, as suas atitudes e relações, com os outros, na base de um número mais alargado de alternativas.” (Leitão, 2006, p 41)

Lopes e Silva (2009), autores portugueses consideram que a AC é uma estratégia de ensino baseada em grupo cujo objetivo visa maximizar a aprendizagem de todos os alunos do grupo através da cooperação entre eles.

Os alunos em trabalho cooperativo, desenvolvem atitudes positivas, existindo uma melhor integração e aceitação pelos seus pares, atitudes que vêm contrapor o individualismo. Por outro lado, o desenvolvimento de atitudes positivas conduz ao fortalecimento das relações interpessoais e despertam sentimentos e aptidões cognitivas superiores em relação à matéria transmitida pelo professor.

Leitão (2006) refere que analisa duas dimensões fundamentais no processo da aprendizagem cooperativa: a estrutura cooperativa da tarefa e a estrutura cooperativa das recompensas. A estrutura cooperativa das recompensas diz respeito ao fato de um grupo de alunos trabalhar interdependentemente com o objetivo de alcançar uma recompensa que, como grupo, partilha. A estrutura cooperativa da tarefa diz respeito ao fato de todos os membros do grupo trabalharem em conjunto com o objetivo de alcançarem um objetivo comum. Os alunos são encorajados a trabalharem em conjunto e a coordenarem os seus esforços, de modo a resolverem, de forma partilhada, solidária e colaborativa, uma tarefa de aprendizagem. Assim os diferentes métodos de

aprendizagem cooperativa têm como finalidade central: facilitar a realização pessoal, fazendo com que os membros do grupo se sintam responsabilizados pelo sucesso uns dos outros.

Johnson, D. e Johnson, R (1989) afirma que a importância na organização da sala de aula e as atividades nela desenvolvidas, podem variar em relação a cinco grandes dimensões e fazer a diferença entre a aprendizagem cooperativa do tradicional trabalho de grupo segundo: a inter-dependência positiva, responsabilidade individual, competências sociais, relações face-a-face e avaliação dos procedimentos de grupo. Evidencia a ideia de que a organização da Interdependência Positiva e os processos interativos dos alunos são fatores determinantes para o desenvolvimento cognitivo e social. Em síntese, o autor destaca a Interdependência Positiva como o pilar da aprendizagem cooperativa, segundo o qual os alunos dependem uns dos outros para alcançarem os seus objetivos. Assim, todos devem trabalhar em conjunto, coordenar e partilhar atividades, com o fim de alcançarem os objetivos do grupo.

Também nessa perspectiva do autor citado existem cinco procedimentos diferenciados com vista à Interdependência positiva nomeadamente: “Interdependência de objetivos, Interdependência de tarefas, Interdependência de recursos, Interdependência de papéis, e, Interdependência de recompensas.”

No que se refere à Responsabilidade Individual, os alunos precisam coordenar as suas ações, e ter em conta a responsabilidade de cada um individualmente. A aprendizagem cooperativa acentua o fato de os objetivos de grupo estarem dependentes do esforço de todos os membros do grupo, reconhecendo que a aprendizagem e a avaliação individual, são essenciais para o grupo. Os alunos são também motivados a auto-controlarem-se, trabalhando e partilhando com vista a uma meta comum – o sucesso do grupo.

Outra dimensão que clarifica o conceito de aprendizagem cooperativa é o de Competências Sociais, segundo a qual em contexto de aprendizagem os alunos, em grupo por sua própria

iniciativa ou sugestão do professor, estão a desenvolver, para além da tarefa específica de aprendizagem, competências sociais, comunicativas e interativas. Estão a construir uma cultura baseada na solidariedade: ajudar e encorajar o outro, elogiar, gerir construtivamente os conflitos, partilhar materiais, ideias e sentimentos. Segue-se a Relação Face-a-Face, como dimensão caracterizada pelo fato de os alunos interagirem diretamente uns com os outros enquanto trabalham; o professor, deve direcionar a sua atenção para as interações que ocorrem entre alunos, encorajando as mesmas.

Na reciprocidade destas relações, os alunos desenvolvem a motivação para a autoregulação do trabalho em conjunto, contribuindo efetivamente para o sucesso do grupo. A quinta e última dimensão Avaliação dos Procedimentos do Grupo pretende caracterizar o processo de funcionamento do grupo.

Na aprendizagem cooperativa os alunos, como pensadores críticos, ativos e reflexivos, devem controlar e avaliar, criticamente, a forma de funcionamento do próprio grupo, as suas forças e debilidades, construindo, de forma ativa e cooperativa. Os alunos devem envolver-se de forma a realizarem a auto, hetero e co-avaliação, usando ações sugeridas pelo professor ou criadas pelo próprio grupo (Leitão, 2006).

O trabalho cooperativo sugere diálogo entre os vários elementos e um nível social e afetivo como condição fundamental. Pressupõe igualmente que se tenham em conta aspectos como:

- A organização da turma como “o grupo dos grupos”;
- Tarefas de aprendizagem multifacetadas (isto é, diferentes de grupo para grupo);
- Comunicação multilateral entre os alunos, favorecendo a

atividade de aprendizagem intra e inter grupos;

- O assumir do professor como um elemento de ligação (comunicação e guia) dos grupos.

Leitão (2006) considera que professores e alunos deverão ter como meta principal a construção de grupos cooperativos, onde haja uma partilha de apoio e suporte mútuo independentemente das diferenças e necessidades específicas dos seus membros. Reforça esta convicção salientando que a qualidade do funcionamento dos grupos é fundamental referindo a este propósito que:

“ a arma mais poderosa em todo o processo de inclusão escolar, é a que deriva da eficácia e qualidade do funcionamento dos grupos.” (Leitão, 2006; p. 65)

Estratégias de distribuição dos alunos

Grupo de Base	Grupos de formação mais duradoura que devem ser os mesmos durante todo o ano letivo
Grupos Formais	Grupos que trabalham juntos por um período determinado de tempo como algumas aulas ou até semanas
Grupos Informais	Funcionam por um período curto de tempo, para a realização de uma atividade ou no máximo durante uma aula

Principais características do trabalho em grupos com equipes cooperativas	
Interdependência Positiva	(dependência de cada membro em relação ao restante do grupo)
Responsabilidade Individual e de Grupo	(cada um cumpre sua função e são todos responsáveis pelo sucesso do grupo)
Interação Estimuladora Face a Face	(os membros facilitam o trabalho uns dos outros e maximizam as oportunidades de aprendizagem)
Competências Sociais	(inteligência interpessoal/habilidades para se relacionar :ajudar, partilhar ideias, respeitar as diferenças, saber ouvir, esperar, pedir ajuda...)
Auto-avaliação	Instrumentos avaliativos para a compreensão do indivíduo no grupo

(Características e pressupostos de Lopes e Silva, 2009)



Educação Infantil

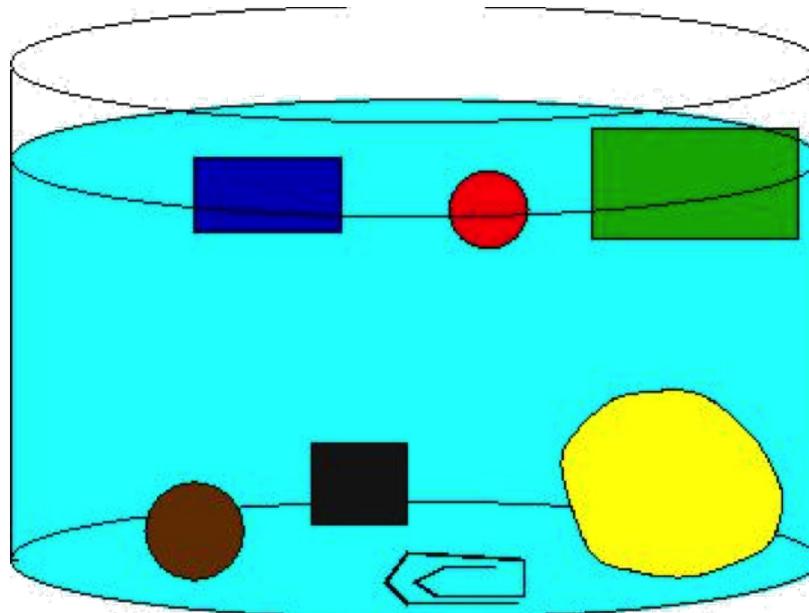
“Afunda e não afunda”

Experiência

Objetivo: Observar, experimentar, manipular, comparar e registrar sob a mediação do educador, a fim de compreender os fenômenos da natureza e suas transformações.

Materiais: Recipientes com água, objetos de diferentes tamanhos, formas, pesos e espessuras, folha sulfite A3, lápis grafite e colorido.

Descrição:



A atividade é pertinente aos anos iniciais, estimula a curiosidade, o espírito investigativo, a participação em grupo, bem como a formulação de conceitos

Regras:

- 1** Realizar o levantamento das habilidades e competências sociais dos integrantes do grupo.
- 2** Organizar a turma em grupos de cinco alunos.
- 3** Realizar o levantamento das competências sociais dos alunos, bem como suas habilidades.
- 4** Distribuir as respectivas funções aos integrantes do grupo (de acordo com as competências sociais)
- 5** Disponibilizar os materiais à serem utilizados na experiência. Direcionar a atividade de forma que todos tenham oportunidade de participar e se posicionar, seguindo a organização prévia estipulada no grupo.
- 6** Cada criança mergulhará seus diferentes objetos no recipiente com água e dirá a sua hipótese inicial (Afunda ou não Afunda).
- 7** O relator concluirá os desafios, com a mediação do educador através das indagações e aprendizagens durante a experimentação.

Desenvolvimento:

Após o conhecimento do grupo por meio de diagnósticos, rodas de conversas e atividades da rotina permanente, o educador realiza o levantamento das competências sociais, bem como as habilidades de cada criança.



Elaboração de três grupos informais com a distribuição das respectivas funções (organizador, orientador, incentivador, auxiliador e relator), com a mediação do educador.

Os crachás com as respectivas definições são visualizados, mas permanecem expostos em um lugar visível no espaço externo, local em que ocorre a aplicação da experiência.

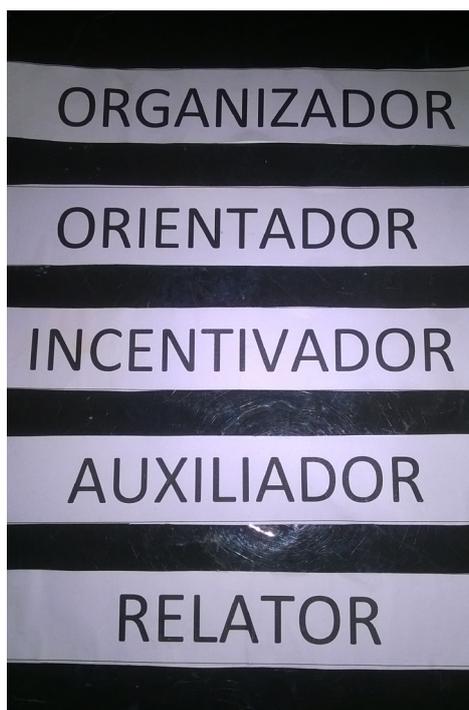
Preparação dos materiais e disposição das crianças para a colocação dos objetos.

Recipiente com a água disponibilizada e cada integrante do grupo recebe um objeto com propriedades, características e funções peculiares.

Inserção do objeto pelo organizador (copo descartável), com a

participação do auxiliador para a manutenção do grupo.

Questionamentos do educador, para a troca de ideias entre o grupo e posteriores posicionamentos da criança com a função de relator.



Questionamentos do educador, solicitando ao incentivador que converse com o grupo sobre as diferenças apresentadas entre os objetos até então observados (textura, forma, cor, dimensão e peso).

Solicitação do educador à criança com a função de orientador, que converse com os colegas sobre as regras iniciais, evitando que retirem o objeto da água, enquanto observam.

Com os combinados definidos, os materiais necessários foram listados em papel kraft para a visibilidade de todos os integrantes. O educador solicita ao organizador que estipule a ordem para a imersão dos materiais na água, desafio esse grande frente a expectativa e ansiedade em que encontravam para as novas descobertas. A interdependência é notória, com a observação de todos, sendo cada qual responsável pelo seu objeto.



Mergulho dos objetos para caracterizá-los e fazerem diversos levantamentos de hipóteses e afirmação dos motivos pelos quais afundam ou flutuam, percebendo a responsabilidade individual e de grupo, havendo êxito através da soma de todos os posiciona-

mentos, com total enriquecimento da proposta.

Contínuo desenvolvimento das competências sociais por meio do domínio da conduta ao ouvir, esperar a própria vez, a paciência e o partilhar de ideias, que possibilitam avanços na cooperatividade e respeito às diferenças.

Registros, na elaboração de um livro de descobertas e argumentações diversas, pelos relatores juntamente com a educadora para explicarem as descobertas e conquistas, bem como a dificuldade de organização grupal, contribuindo para a auto-avaliação dos integrantes.

*** Devido a apresentação de alterações de comportamento e irritabilidade, por parte da criança com baixa audição, com a mediação da educadora e interação do grupo, aos poucos conseguiu aguardar a sua vez e compartilhar os diferentes momentos, desenvolvendo competências sociais propostas ao desenvolvimento desse trabalho.

Questionamentos Possíveis:

- Quais objetos afundam ou não afundam? (antes de imergí-los)
- Quais são mais leves ou mais pesados?
- Por que acreditam que afundariam ou não.
- Você concorda com as ideias iniciais dos colegas?
- Como o orientador do grupo sugere as observações?
- Quais são as maneiras possíveis para os registros das descobertas)
- O que o relator diz sobre as descobertas?

Orientações:

- As habilidades e competências sociais deverão ser levantadas dentro do próprio grupo.
- Definir a elaboração dos grupos formais, informais ou de base.
- Permitir a interação de todos e o respeito às diferenças.
- Considerar as hipótese iniciais para as conclusões e reflexões finais.
- É importante que todos os alunos permaneçam integrados nos grupos de forma que suas habilidades sejam consideradas e quando necessário, poderão fazer uso da tecnologia assistiva.
- Os alunos com cegueira, ou visão residual, é importante que recebam orientações e incentivos quanto a utilização dos sentidos remanescentes (tato, olfato e audição) e durante os registros poderão participar através da expressão oral.
- Aos alunos que apresentarem altas habilidades/ superdotação, os aprofundamentos nos conteúdos serão pertinentes para maiores interesses e real aproveitamento.
- A avaliação poderá ocorrer por meio da participação e envolvimento dos alunos durante levantamento de hipóteses, experimentações e observações. Criatividade no registro da atividade, interação e colaboratividade do grupo, nos pressupostos da aprendizagem cooperativa. Avaliação da equipe pelo relator com a mediação do educador e auto-avaliação dos integrantes.

“Misturas e Descobertas”

Experiências:

Objetivos: Compreender os fenômenos da natureza em sua dinâmica de permanência e mudança, sua gênese e desenvolvimento, tendo como eixo a transformação da natureza.

Materiais:

- Garrafas Pets vazias de preferência com total transparência.
- Recipientes com açúcar, areia e óleo separadamente.

Descrição:



Exploração de materiais e texturas diferenciadas, para proporcionar maior atenção e observação e caracterização, permitindo o levantamento de hipóteses e conclusões mediante a manipulação dos materiais.

Regras:

- 1** Realizar o levantamento das habilidades e competências sociais dos integrantes do grupo.
- 2** Organizar a turma em grupos de cinco ou seis alunos (definindo a estrutura dos grupos, sendo estes informais, formais ou de base).
- 3** Distribuir as respectivas funções aos integrantes do grupo (de acordo com as competências sociais).
- 4** Disponibilizar garrafas pets vazias e os itens para as misturas (água, óleo, açúcar e areia)
- 5** Permitir que cada integrante exerça sua função na organização do grupo durante a experimentação.
- 6** Manter os materiais disponíveis para os registros após as observações e descobertas.
- 7** Propor relatos e avaliações , juntamente com a mediação do educador e a auto-avaliação de cada participante.

Desenvolvimento:

Experiência “Misturas e descobertas” desenvolvida com o mesmo grupo de crianças, todavia com objetivos diferentes, mantendo-se os pressupostos da aprendizagem cooperativa.

Permanência em um grupo único, com a totalidade de dezenove crianças, as quais receberam as funções para o desenvolvimento dos papéis a partir da percepção da educadora em decorrência

das evidências e lideranças (competências sociais) despontadas na atividade anterior, mantendo-se um organizador, um orientador, o incentivador, o auxiliador e o relator.

A responsabilidade individual e de grupo, foi desenvolvida, pela observação para os registros finais, sendo a contribuição de todos de grande relevância.

A interação face-face, motiva e possibilita diferentes expressões em cada nova descoberta, ao passo que a interdependência positiva ocorre por meio da espera da própria vez e a contínua observação do colega, para o posicionamento junto ao relator.



O educador organiza as crianças em círculo de forma que todos consigam se olhar.

Os materiais são disponibilizados de modo a permitir que todos possam manipular, observar, sacudir, cheirar, bem como perceber o peso e textura.

Contribuições pelas indagações e levantamentos de hipóteses,

ocorrendo a interdependência positiva, com a observação e exploração dos colegas, aguardando novos testes e desafios.



O educador organiza as crianças em círculo de forma que todos consigam se olhar.

Os materiais são disponibilizados de modo a permitir que todos possam manipular, observar, sacudir, cheirar, bem como perceber o peso e textura.

Contribuições pelas indagações e levantamentos de hipóteses, ocorrendo a interdependência positiva, com a observação e exploração dos colegas, aguardando novos testes e desafios.





Representação das descobertas por meio de registros em garrafas de papéis, sendo notória a diferenciação encontrada em cada elemento.

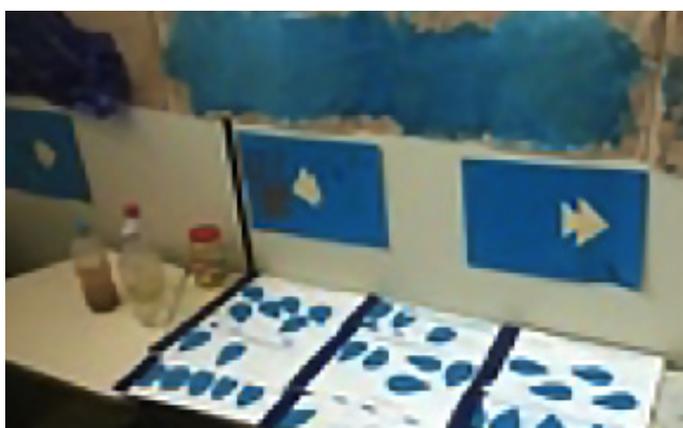
Relevância da interação estimuladora face a face, com a facilitação do trabalho uns dos outros, embora fosse visível a impaciência de alguns ao aguardarem a própria vez.

Os questionamentos e desejo de maiores oportunidades de manipulação, oportunizam novos saberes.

O respeito aos diferentes ritmos permitiu o desenvolvimento dessa importante competência social.

Compartilhamento entre o grupo dos materiais disponibilizado, todavia houve a necessidade de aguardar a própria vez com paciência e respeito às diversas manifestações de ideias.





Com a mediação da educadora e pesquisadora, solicita-se ao relator as observações percebidas em cada componente, bem como as diferenças de cor, textura, cheiro, densidade, peso e aparência do líquido final.

Os esclarecimentos são realizados não somente pelo relator, havendo a junção de ideias para maior enriquecimento nos registros, pelos papéis inicialmente definidos, porém reorganizados a partir dos resultados, participação e empenho.

A auto-avaliação ocorre com as contribuições de todo o grupo, pelos depoimentos de novas descobertas e envolvimento na atividade proposta.

Os registros desenvolvidos são organizados em forma de álbum para a exposição de ciências, realizada na escola, contando com a

participação do relator na explicação aos pais e convidados, sobre as descobertas.

***A criança com deficiência auditiva, permanece envolvida com o restante do grupo, havendo maior atenção da educadora, para que se mantenha menos inquieta e ansiosa, cooperando para o desenvolvimento e conclusão das atividades.

Questionamentos Possíveis:

- Todos estão aguardando a sua oportunidade para manusear os objetos?
- Em quais aspectos vocês estão colaborando para o bom resultado da experiência?
- Quais ideias foram importantes para que pudessem chegar aos resultados?
- O que viram de diferente entre as observações dos demais grupos?
- Os registros entre os grupos foram parecidos?
- O organizador e o incentivador contribuíram para que o grupo seguisse as regras propostas?
- Os ritmos e diferenças existentes no grupo foram respeitados?
- Quais saberes foram construídos?

Orientações:

- Manter a harmonia do grupo, bem como o envolvimento de todos os participantes.
- Mediar as situações de aprendizagens e as conclusões para
- Manter a harmonia do grupo, bem como o envolvimento de todos os participantes.
- Mediar as situações de aprendizagens e as conclusões para os posteriores registros.
- Utilizar recipientes plásticos ou de materiais que não ofereçam riscos às crianças.
- É importante que todos os alunos permaneçam integrados nos grupos de forma que suas habilidades sejam consideradas, como também poderão realizar a atividade com auxílio da tecnologia assistiva.
- Os alunos com cegueira, ou visão residual poderão fazer pareamentos dos elementos por semelhanças, diferenças e categorias, descrevendo seus atributos antes e depois das misturas.
- Aos alunos que apresentarem altas habilidade/ superdotação, os aprofundamentos nos conteúdos serão pertinentes para maiores interesses e real aproveitamento.
- A avaliação poderá ocorrer por meio da participação e envolvimento dos alunos durante levantamento de hipóteses,

experimentações e observações. Criatividade do aluno no registro da atividade.

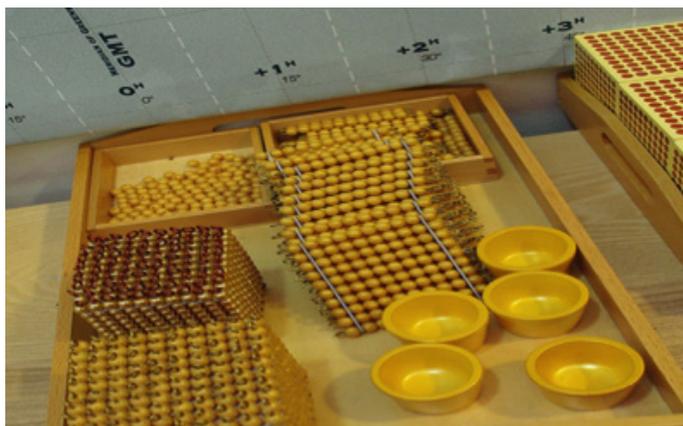
- Interação e colaboratividade do grupo, nos pressupostos da aprendizagem cooperativa.
- Avaliação da equipe pelo relator com a mediação do educador e auto-avaliação dos integrantes.



Ensino Fundamental

Material Dourado

“Contos de Transformação”



O nome "Material Dourado" vem do original "Material de Contas Douradas". Em analogia às contas, o material apresenta sulcos em forma de quadrados.

Curiosidades:

O “Material Dourado” foi criado por Maria Montessori (1870-1952), formada em medicina e encarregada da educação de crianças com deficiências, desde pequena se interessou pelas ciências e decidiu enfrentar a resistência do pai e de todos à sua volta para estudar na Universidade de Roma. Direcionou a carreira para a psiquiatria e logo se interessou por crianças com deficiência intelectual. A autora verificou que elas aprendiam mais pela ação do que pelo pensamento, desenvolveu então um método e material apropriado de ensino. Sua experiência foi muito bem-sucedida e Montessori concluiu que método semelhante poderia ter êxito com crianças sem deficiências, ou transtornos.

Analisando os métodos de ensino da época, propôs mudanças

compatíveis com sua filosofia de educação. Com mais liberdade que no ensino tradicional, onde as crianças acabam “dominando” os algoritmos a partir de treinos cansativos, mas sem conseguirem compreender o que fazem, Maria Montessori propõe que as crianças utilizem os materiais didáticos, entre eles o material dourado. Nas experiências concretas verificou-se a facilidade, compreensão e o entendimento das relações numéricas abstratas. Desta maneira o aprendizado se torna mais agradável e verifica-se que além da compreensão dos algoritmos obtém-se um notável desenvolvimento do raciocínio.

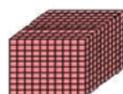
Objetivo:

Manipular as peças que compõem o Material Dourado para identificação e reconhecimento do Sistema de Numeração Decimal, compreender e representar operações básicas.

Material:

Material Dourado Montessori

- É constituído por cubinhos, barras, placas e cubão, que representam:



cubo

1 milhar ou
10 centenas ou
100 dezenas ou
1000 unidades



placa

1 centena ou
10 dezenas ou
100 unidades



barra

1 dezena ou
10 unidades



cubinho

1 unidade

Descrição:



O material permite a manipulação para a apropriação de ideias, na construção de conceitos e princípios fundamentais da matemática.

Regras:

- Preparar um ambiente propício para a contação de histórias.
- Organizar os alunos em grupos (informais, formais ou de base) de acordo com as habilidades e competências sociais, mediante diagnósticos do professor e levantamentos perante o grupo.
- Permitir o manuseio e exploração das peças, relacionando de forma lúdica as respectivas representações do material.

Desenvolvimento:

Apresentado aos alunos do primeiro ano através de contação de histórias, para o desenvolver do imaginário infantil - Material Dourado “Contos de transformação”.

A mediação da pesquisadora permite que entrem por meio da

fantasia em um cenário de contínua transformação e reversibilidade para a compreensão e posterior apropriação do sistema de numeração decimal.

A história retrata duas crianças que ao mergulharem em um rio encontraram o cubo inicial (representação de milhar) e a cada novo mergulho o mesmo material se transforma gradativamente, por meio da decomposição em placas de centenas, barras de dezenas e pequenos cubos de unidades.



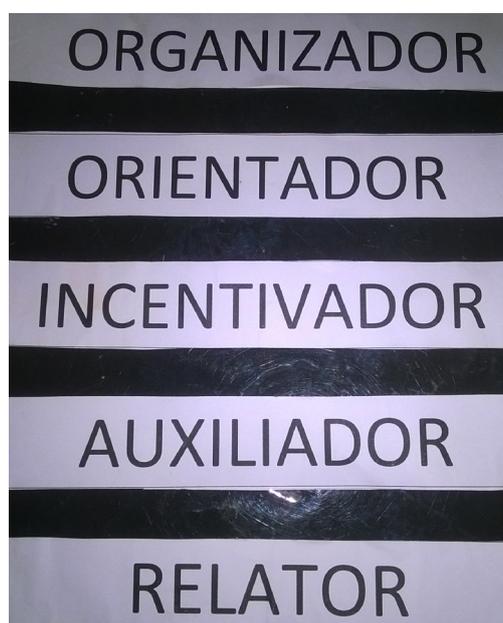
Após a interação com a história apresenta-se ao grupo o planejamento da atividade e a proposta de fazerem as representações de diversos objetos com as peças do material em foco.

Desafio lançado, para que através dos jogos de construção possam enriquecer a experiência sensorial e estimular a criatividade, familiarizando-se com a correspondência de cada peça.



Conversa com o grupo sobre a extrema importância de cada integrante e a participação de todos para o êxito das construções.

Discussão coletiva dos papéis e respectivas funções em parceria com a professora, considerando as potencialidades e habilidades de cada criança (competências sociais).



Distribuição na composição dos grupos informais, com cinco integrantes, sendo estes: organizador, orientador, incentivador, auxiliador e relator.

Após a observação pelo educador das potencialidades e ha-

bilidades do grupo, realiza-se a distribuição e exemplificação concreta de cada função, para que possam interagir e gradativamente as exerçam.



Com criatividade, surgem diferentes ideias e relações, evoluindo em complexidade, conforme o desenvolvimento de cada criança, provenientes do conteúdo imaginário das experiências anteriores adquiridas em diferentes contextos.

A interdependência positiva ocorre com a interação dos integrantes quanto a distribuição dos materiais e a troca entre os mesmos, permitindo a elaboração de novos objetos e construções.

Interação face-a-face mantida continuamente com a mediação do educador.

O incentivador motivava o grupo, para novas invenções.



Durante as construções o organizador colabora para que os materiais permaneçam nas mesas e com a mediação do educador, o orientador colabora para que não percam o foco inicial.

Em todo tempo as crianças são lembradas quanto à responsabilidade individual e os benefícios para o bom resultado coletivo. Os organizadores permanecem atuantes, porém os auxiliares também exercem suas funções.



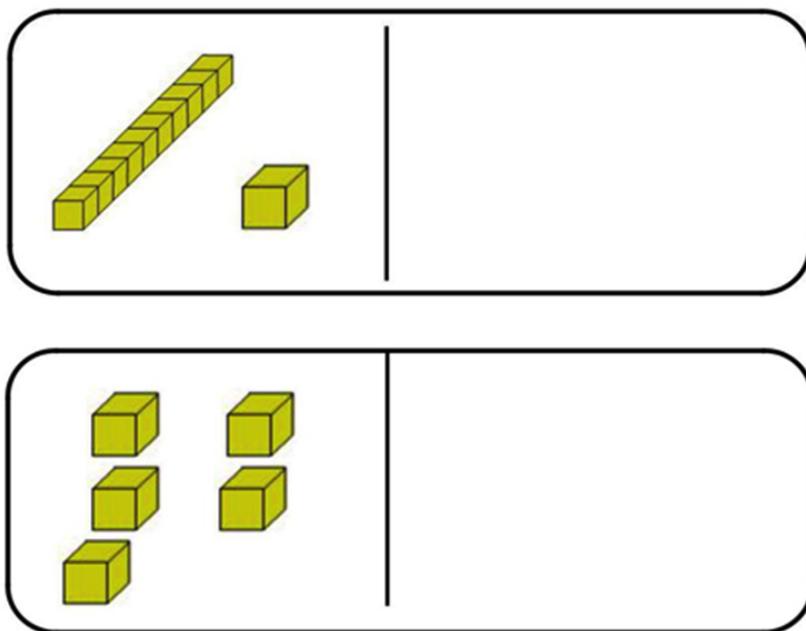
A responsabilidade individual e de grupo é mantida, na participação e envolvimento de todo o grupo, sem a dispersão dos integrantes.

*** O acompanhamento da educadora e pesquisadora é contínuo com a criança que apresenta paralisia cerebral (PC), porém não demonstra dificuldades quanto ao manuseio, somente em relação ao equilíbrio das peças e organização das mesmas, em parceria com um colega recolhe os materiais do chão, sempre em interação com os demais.

Orientações:

- Organização do grupo na composição de cinco elementos, cada qual com sua função de acordo com as habilidades e competências sociais encontradas no grupo.
- Utilização do recurso Material Dourado para realização de construções e associações, explorando a contagem e as operações básicas.
- Importante é que todos os alunos permaneçam integrados nos grupos de forma que suas habilidades sejam consideradas, como também poderão realizar atividade com auxílio da tecnologia assistiva.
- As crianças com cegueira ou visão residual, poderão explorar além do material dourado, algarismos de material dourado para as respectivas correspondências.
- Aos alunos que apresentarem altas habilidade/ superdotação, os aprofundamentos nos conteúdos serão pertinentes para maiores interesses e real aproveitamento.
- Os alunos podem ser avaliados pela participação e criatividade dos alunos nas atividades de construção com as peças do Material Dourado.
- Desempenho nas operações e representações numéricas.
- Interação e colaboratividade do grupo, nos pressupostos da aprendizagem cooperativa.

“Dominó de Material Dourado”



Peças do Dominó Material Dourado

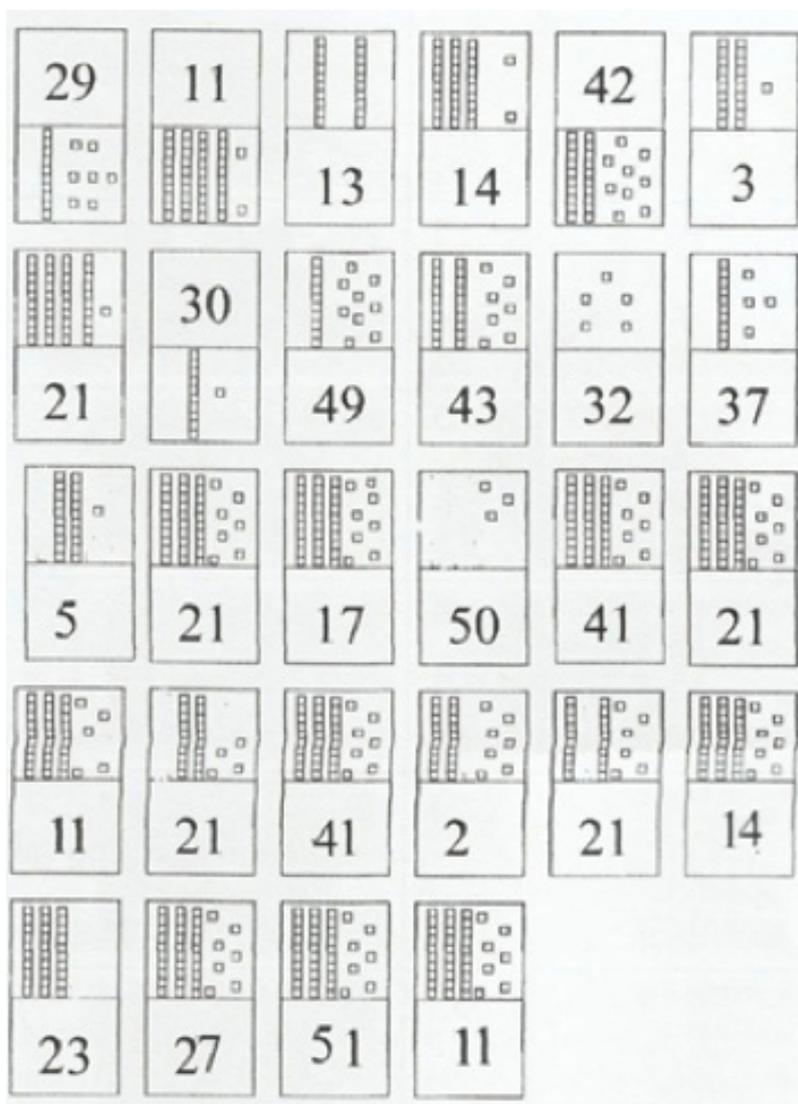
Objetivo:

Favorecer a compreensão das regras do Sistema de Numeração Decimal.

Material:

- 5 jogos de Dominós do Material Dourado com número de fichas a critério do professor.
- Papel A4, lápis grafite e colorido.
- Quadro numérico.

Descrição:



O jogo viabiliza a apropriação de conceitos matemáticos na construção da base decimal, bem como a atenção, concentração, colaboratividade, assimilação e compreensão de regras.

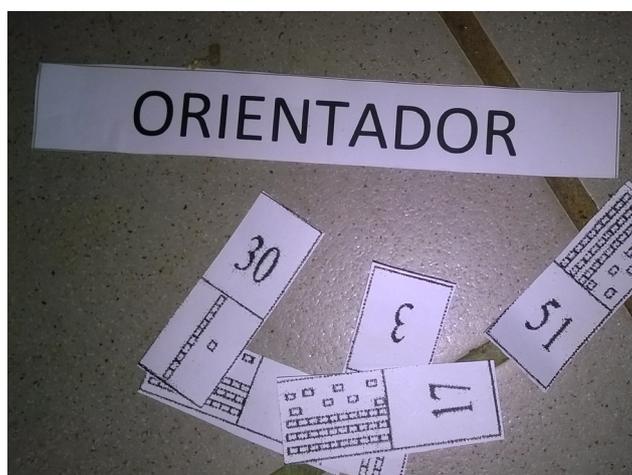
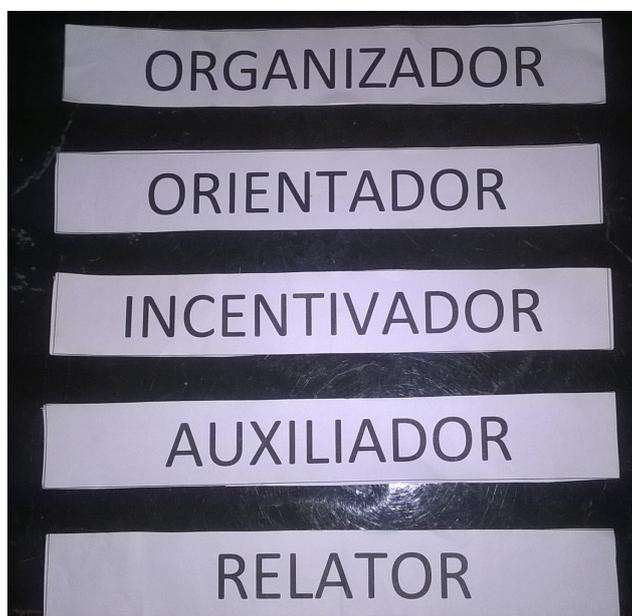
Regras:

- 1** Organização dos grupos a partir de suas competências sociais e habilidades.
- 2** Distribuição dos papéis e funções do grupo, com a efetiva participação do educador.
- 1** Organização dos grupos a partir de suas competências sociais e habilidades.
- 2** Distribuição dos papéis e funções do grupo, com a efetiva participação do educador.
- 3** Retomada sobre a representatividade de cada peça do material.
- 4** Entrega das peças do material dourado ao auxiliador do grupo, para que embaralhe as cartas e distribua aos jogadores.
- 5** O primeiro jogador coloca um de seus dominós sobre a mesa.
- 6** O segundo jogador deve colocar uma peça que tenha uma das “pontas” igual a da peça já colocada na mesa. Se não tiver uma, passa a vez.
- 7** Vence o jogo aquele jogador que conseguir bater, ou seja, colocar todos os seus dominós na mesa em 1º lugar.

Desenvolvimento:

As regras para o jogo “Dominó de Material Dourado” são trabalhadas entre o grupo, para que façam os levantamentos prévios de possíveis dúvidas quanto quantidade representativa de cada peça.

Após o diagnóstico já realizado das competências sociais, manteve-se as mesmas funções para a organização dos grupos informais.



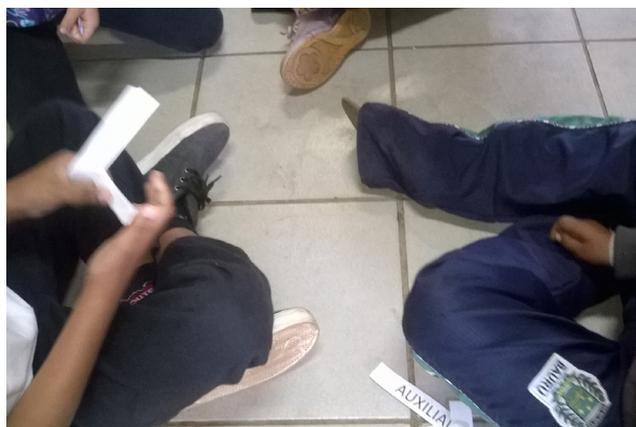
Retomada das regras e objetivos, com o desafio da correspondência entre a representação quantitativa do material e os algarismos.

A interação face a face é possibilitada no grupo pela estimulação um ao outro, objetivando a potencialização da aprendizagem.

Melhor distinção de seus papéis dentro da equipe (organizador, orientador, incentivador, auxiliador e relator).

É solicitado ao organizador que faça a distribuição igualmente aos demais colegas.

O orientador especifica a sequência dos jogadores para as jogadas.



Competências sociais são asseguradas para o bom funcionamento dos grupos de aprendizagem, proporcionando a real interação por meio dos combinados, sendo essa uma rotina contínua para o grupo.

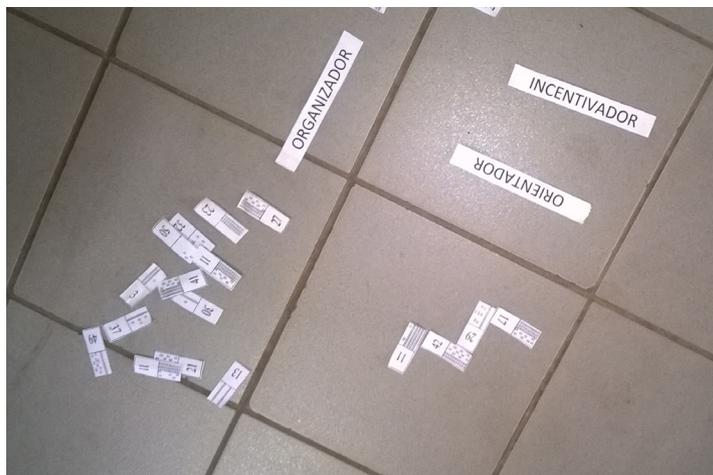
Conseguiram ouvir melhor uns aos outros, esperar a sua vez, partilhar os materiais, solicitar ajuda e respeitar as diferenças.



A concentração é mantida e a interdependência positiva possibilita melhor envolvimento entre os integrantes, almejando o surgimento de um vencedor.



No desenvolvimento das jogadas a interdependência individual e de grupo ocorre com a mediação do educador, com questionamentos sobre a responsabilidade e autonomia, ao evitar que um colega prejudique o outro na quebra de regras e na desistência durante a jogada.

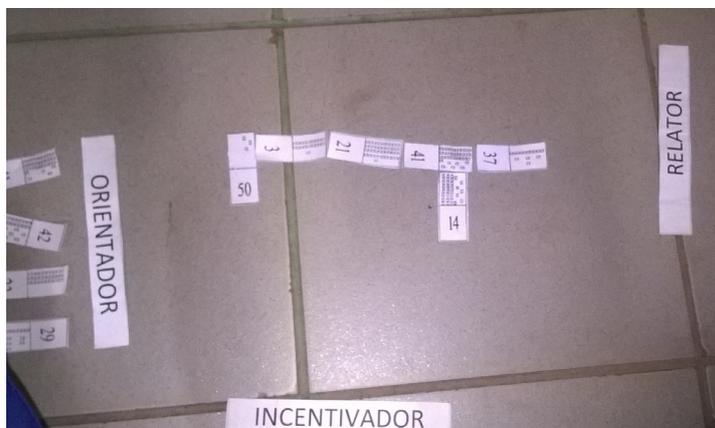


O desenvolvimento das competências levantadas é mantida, sendo visível os posicionamentos principalmente do orientador e organizador para que as disposições das peças não dificultem a visibilidade e compreensão dos integrantes.

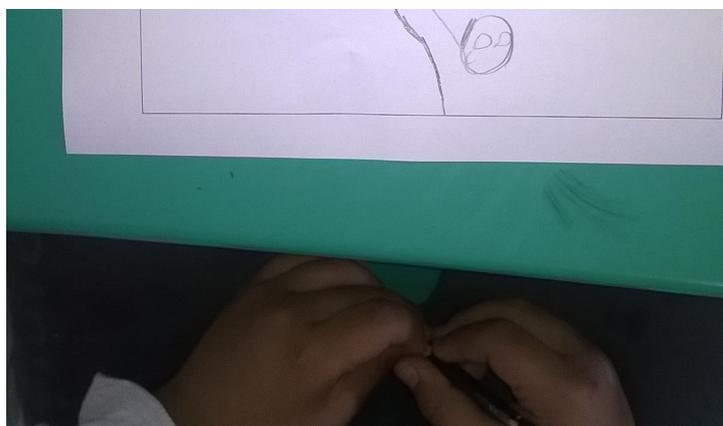
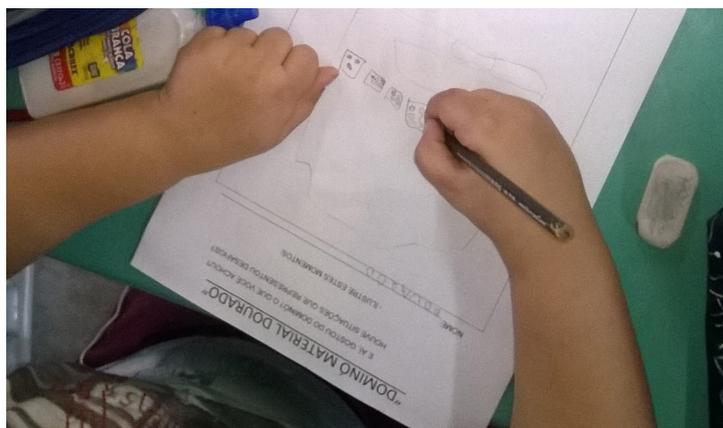


Com a contínua mediação da educadora e pesquisadora, o aluno com paralisia cerebral é assistido quanto a coordenação nas peças e organização das mesmas no momento das jogadas.

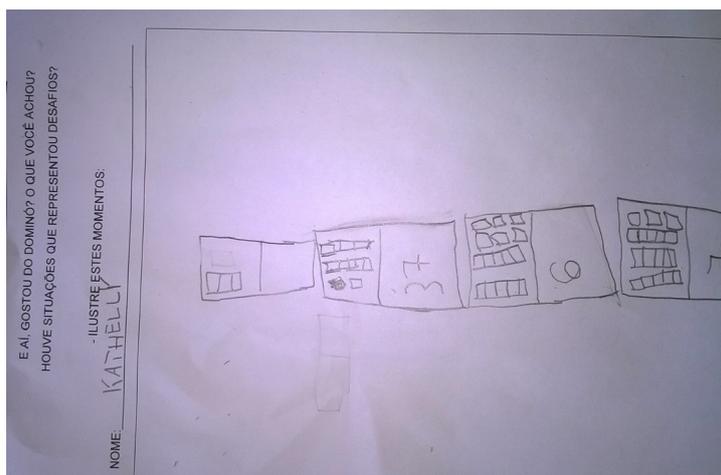
O incentivador o encoraja para a persistência nas jogadas e o apoio dos demais colegas é visível, (caracterizando a interação estimuladora face a face).



Sob o acompanhamento do educador é solicitado ao organizador o ajuste na disposição das peças, evitando confusões para a colocação de novas peças.



O aluno com a função de auxiliador distribuiu uma folha de atividade para que registrem as jogadas do grupo para posteriores comparações entre os colegas sobre as diferentes sequências obtidas.



Avaliação coletiva realizada pelo relator, com a mediação do educador, com o posicionamento de cada grupo, sendo unânimes em afirmarem o interesse pelo trabalho no desenvolvimento do jogo.

O educador com perguntas investigativas possibilita a reflexão sobre o erro ou insucesso de cada participante, bem como os acertos e aprendizagens obtidas.

Orientações:

- As habilidades e competências sociais deverão ser levantadas dentro do próprio grupo.
- Todos os alunos precisam estar integrados nos grupos de forma que suas habilidades sejam consideradas, como também poderão realizar a atividade com auxílio da tecnologia assistiva.

- Os alunos com cegueira, ou baixa visão poderão utilizar dominós sensoriais (com relevo ou utilização representativa em braile).
- Aos alunos que apresentarem altas habilidades/ superdotação, os aprofundamentos nos conteúdos serão pertinentes para maiores interesses e real aproveitamento.

“Cubra e Descubra”



Objetivos:

- Associar quantidades ao símbolo que a representa, com cálculos mentais, descobrindo fatos fundamentais da adição.

Material:

- Um tabuleiro do Jogo do Cubra e Descubra.
- 22 fichas (sendo 11 de cada cor).

- 2 dados.
- Atividades escritas na folha A4.
- Material do aluno: lápis, borracha, lápis colorido etc.

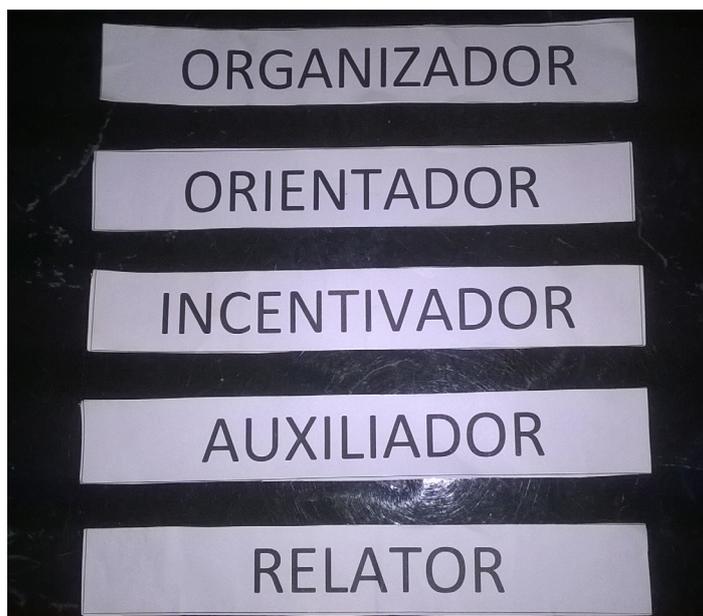
Descrição:

O jogo permite o desenvolvimento do raciocínio lógico, envolvendo princípios básicos do campo aditivo, a concentração, colaboratividade, a adequação às regras e princípios de convívio social.

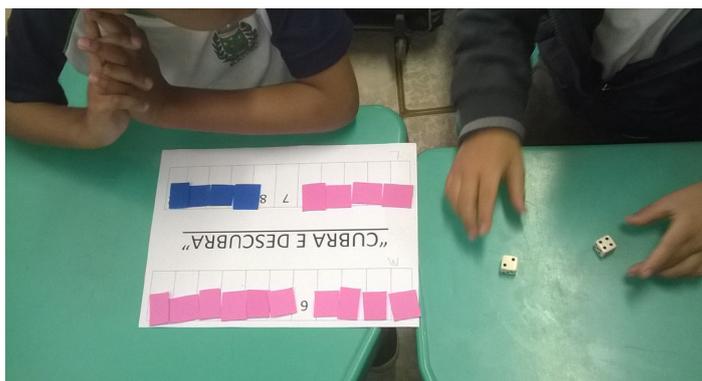
Regras:

- As habilidades e competências sociais deverão ser levantadas dentro do próprio grupo.
- Ilustrações do “Jogo do Cubra e Descubra”.
- Registro (no quadro) das possíveis somas a partir dos números presentes nas faces de dois dados.
- Situações-problema envolvendo o jogo do Cubra e Descubra.

Desenvolvimento:

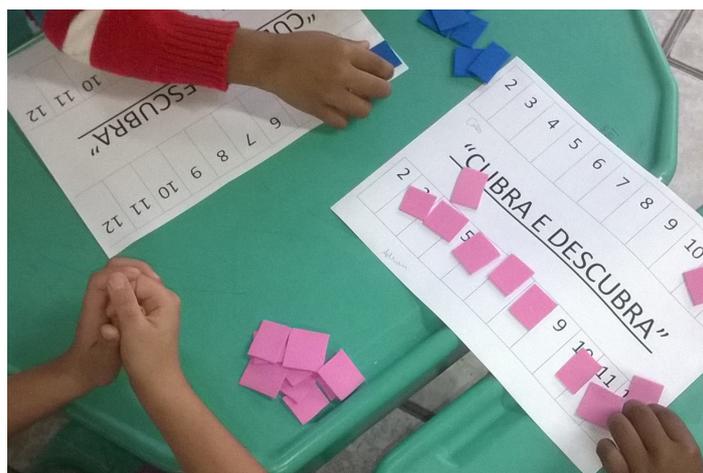


Nova organização e distribuição das crianças, com a proposta de trabalho em duplas, na constituição de quatorze pares, com as competências sociais de orientador e relator.



Distribuição de um tabuleiro com duas sequências numéricas de dois à doze, relacionadas à correspondência das somas de dois dados com seus maiores valores.

Orientador tira par ou ímpar e decide quem iniciará a jogada. A interação estimuladora face a face é permanente e ambos se comunicam para o prosseguir da jogada.



Números encobertos por peças individuais. Cada integrante da dupla lança dois dados e realiza a soma das faces, para posteriormente descobrir o número correspondente.

A interdependência positiva é observada ao solicitarem um ao outro auxílio na soma dos pontos, ou reconhecimento dos números.

Jogadas alternadas até que a primeira sequência numérica esteja totalmente descoberta, para o surgimento do campeão.

*** O aluno (PC) recebe a mediação da pesquisadora, todavia as maiores dificuldades são referentes ao lançamento dos dados, quanto a coordenação. Com a interação face a face de seu parceiro consegue persistir na jogada.

Orientações:

- A sugestão é que o quadro para o registro das possíveis somas seja construído em papel metro, devido ao espaço para o registro.

- A construção pode ser coletiva.
- Exploração de outros fatos fundamentais da adição, que não estejam presentes nas faces dos dados.
- Todos os alunos precisam estar integrados nos grupos de forma que suas habilidades sejam consideradas, como também poderão realizar a atividade com auxílio da tecnologia assistiva.



Reflexões aos Educadores

Como praticar a Inclusão?

A primeira pergunta que você precisará fazer para orientar sua prática é: de que modo posso garantir a participação de meus alunos nas aulas, de forma que eles tanto aprendam o que quero ensinar (em termos de conteúdos disciplinares e de comportamento) quanto a utilizar estes ensinamentos na vida – e em especial, na vida cotidiana na escola?

Para Santos (2016), ao se questionar o educador verá que a resposta dependerá de vários aspectos, de ordem tanto geral quanto particular. Em sentido mais geral, alguns aspectos a considerar são relativos ao contexto desta aprendizagem: como é esta escola? Qual é o seu projeto político-pedagógico? Quais os seus recursos humanos, físicos e materiais? Em que ela acredita e aposta? Quais tipos de valores perpassam por ela?

Em um sentido particular, os aspectos estarão mais voltados para suas turmas e o próprio educador: Quais as diferenças entre uma turma e outra? Como me comporto com cada uma delas? Por quê? Que tipo de facilidades eles apresentam para aprender? E as dificuldades? Em que matérias são mais interessados? E menos? Como ensino estas matérias em cada turma? Do mesmo jeito? Ou há variações? Se sim, por que e quais? Que conteúdos estão previstos para as matérias? Que relações estes conteúdos podem ter com a vida cotidiana? Como posso tornar estes conteúdos mais próximos da vida de meus alunos de modo que eles os reconheçam como significativos e eu amplie, assim, seu interesse pela aprendizagem destes conteúdos? E o que mais posso oferecer curricularmente, que contemple aqueles que aprendem muito rápido e com grande facilidade?

Segundo a mesma autora, todas estas (e outras) perguntas são fundamentais porque ajudam a contextualizar e relativizar as práticas, sendo importante para o reconhecimento, hoje universal, de que nenhum aluno é igual a outro, e que por isso mesmo,

nenhuma ação “inclusiva” feita para um, garante a mesma “inclusividade” para outro.

De igual importância é que o educador que pretende praticar a inclusão seja flexível na sua relação com seus pares e alunos. Ou seja: partir do princípio de que sua visão pode não ser a única, e pode mesmo nem ser a melhor para certa situação. Com isto, ficará mais abertos a escutar opiniões de colegas e alunos, que em muito poderão ajudar nas práticas educativas. Isto implica em despir-se de ideias preconcebidas como certas, e visualizar a possibilidade de que as mesmas possam ser revistas e mesmo alteradas.

Sendo assim o “professor inclusivo” é aquele que conseguirá aplicar estas diferentes maneiras de ensinar, toda vez que se fizer necessária. E mais: isto tanto pode acontecer sequencialmente (primeiro de um jeito, depois de outro) como simultaneamente (dividindo a turma em diferentes grupos, que trabalharão com as diferentes maneiras ao mesmo tempo).

Esta é proposta relativa ao professor em seu potencial de flexibilidade: quanto mais trabalhe em grupos menores com suas turmas, mais provável será o aproveitamento da matéria ensinada. Dividir a turma significa também dividir a responsabilidade pelo ensino e pela aprendizagem, num processo de divisão de tarefas entre professores e alunos, bastante útil à aprendizagem social de práticas democráticas de trabalho em equipe, em que as figuras de liderança (o professor e os “líderes do dia” – ou da hora, ou da semana – de cada grupo) possam ser alternadas de tempo em tempo.

É importante que os educadores se vejam como atores dentro das instituições onde trabalham, e para que se acostumem a problematizar, em particular situações incomumente refletidas.

O engajamento em uma atitude mais participativa, crítica, mas também propositiva, capaz de constatar, mas também propor alternativas relativas, transformando-se em sujeitos mais flexíveis e menos presos a “verdades” imutáveis.



Sugestões de Leitura

CAPELLINI, V.L.M.F, O direito de aprender de todos e de cada um. In: MORAES, M.S.S; MARANHE, E.A. (Org.) **Introdução conceitual para educação na diversidade e cidadania**. São Paulo: UNESP Pró Reitoria de Extensão, Faculdade de Ciências, 2009, v.2, p. 65-100.

CARDOSO, C.M, Fundamentos para uma educação na diversidade. In: CAPELLINI, V.L.M.F; RODRIGUES, O.M.P.R, SANTOS, D.A.N. (Org.) **Diversidade e cultura inclusiva**, 2010, p.10-30 [E-book]. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155241/3/unesp-nead_reei1_ei_d01_e-book.pdf. Acesso em: 23 de jun. de 2015.

CARVALHO, F.V, **Pedagogia da Cooperação**: Uma introdução à metodologia da Aprendizagem Cooperativa. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2000.

CARVALHO, F.V, **Trabalho em equipe, aprendizagem cooperativa e pedagogia da cooperação**. São Paulo: Scortecci Editora, 2015.

CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 2. ed., Rio de Janeiro: Walk Editora, 2012.

LOPES, J; SILVA, H.S. **A aprendizagem cooperativa na sala de aula**: um guia prático para o professor. Lisboa (Portugal): Lidel, 2009.

MONTESSORI, M. **Pedagogia científica**: a descoberta da nova criança – (tradução de Aury Azélio Brunetti). São Paulo: Flamboyant, 1965.

OVEJERO, B.A. **Métodos de Aprendizagem Cooperativa**, PPLL,

Espanha, 1990. Disponível em: <http://www.crede02.seduc.ce.gov.br/index.php/downloads/category/34-documentos>. Acesso em: 14 de abr de 2016.

PUJÒLAS, P.M. El **Aprendizaje Cooperativo**: Algunas Ideas Prácticas. Universidad de Vic, 2003. Disponível em: http://www.deciencias.net/convivir/1.documentacion/D.cooperativo/AC_Algunasideaspracticass_Pujolas_21p.pdf. Acesso em: 22 de jun de 2014.

REIS, P.R. **A gestão do trabalho em Grupo**: Indução e desenvolvimento profissional docente (Coleção). Aveiro (Portugal): Universidade de Aveiro, 2011.



Referências

ANJOS, A. R. dos. **Cultura lúdica e infância**: contribuições para a inclusão da criança com transtorno global do desenvolvimento. (Dissertação de Mestrado) 172 f. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2013.

BESSA, Nuno & FONTAINE, Anne-Marie: **Cooperar para Aprender. Uma Introdução à Aprendizagem Cooperativa**.- Porto: ASA editores II, 2002.

BOZHOVICH, L.I. **La personalidad y su formación en la edad infantil**. Habana: Pueblo y Educación, 1985 (versión original en ruso, 1968).

FREITAS, M.T.A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

FREITAS, H.C.L. **Certificação docente e formação do educador**: regulação e desprofissionalização. Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1095-1124, dez. 2003.

Johnson, D. W., & Johnson, R. T. **Cooperation and competition**: theory and research. Edina, MN: Interaction Book Company, 1989.

Leitão, F. A. R. **Aprendizagem Cooperativa e Inclusão**. Mira-Sintra: edição do autor, 2006.

LOPES, J; SILVA, H.S. **A aprendizagem cooperativa na sala de aula**: um guia prático para o professor. Lisboa (Portugal): Lidel, 2009.

MMP Matérias Pedagógicas. Disponível em: <<http://mmpmateriaspedagogicos.com.br/conhecendo-historia-material-dourado/>> Acesso em 24 Jan. 2017.

MESSIAS, V.L., MUÑOZ, Y. LUCA-TORRES, S. (2012). **Apoyando la inclusión educativa**: Un estudio de caso sobre el aprendizaje y convivencia en la educación infantil en Castilla La Mancha. Revista Latinoamericana de Inclusión Educativa, 6(2), pp. 25-42. Disponível em: <http://www.rinace.net/rlei/numeros/vol6-num2/art1.pdf>. Acesso em: 17 maio 2014.

OLIVEIRA, E.M. **A construção do sentido numérico no primeiro ano do ensino fundamental**. PUC: Minas, 2012, Belo Horizonte.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 15-18.

Sanches, M. **Comportamentos e estratégias de atuação na sala de aula**. Porto: Porto Editora, 2001.

Sanches, M. **Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-ação à educação inclusiva**, 2005.

Santana, I. **Práticas pedagógicas diferenciadas**. Revista M.E.M. nº 8, 5ª série. Lisboa, 2000.

SANT'ANNA, M. M. M. **Formação Continuada em Serviço para professores da Educação Infantil sobre o brincar Tese (Doutorado em Educação)** 149 f. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciência: Marília, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boi-tempo, 2007.